

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Celenir Pereira Dias Gonçalves

O ASSENTAMENTO SERRA PARANAÍBA-MS E A AGRICULTURA FAMILIAR

**Paranaíba, MS
2016**

Celenir Pereira Dias Gonçalves

O ASSENTAMENTO SERRA PARANAÍBA-MS E A AGRICULTURA FAMILIAR

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, Unidade universitária de Paranaíba, como exigência parcial para bacharel do curso de Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Alexandre de Castro.

**Paranaíba, MS
2016**

G625a Gonçalves, Celenir Pereira Dias

O assentamento Serra de Paranaíba /MS e a agricultura familiar. /Celenir Pereira Dias Gonçalves.- - Paranaíba, MS: UEMS, 2016.

35f.; 30 cm.

Orientador: Alexandre de Castro.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1.Assentamento.2. Agricultura familiar. I. Gonçalves, Celenir Pereira Dias. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Ciências Sociais. III. Título.

CDD – 333.318171

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

CELENIR PEREIRA DIAS GONÇALVES

O ASSENTAMENTO SERRA PARANAÍBA-MS E A AGRICULTURA FAMILIAR

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovado em ____/____/____/

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me Alexandre Castro (orientador)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Me. Dr. Djalma Querino de Carvalho
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Me. Junior Tomaz de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que por intermédio da fé me fez persistir e suportar as horas difíceis, as madrugadas de estudo com dedicação e esforço.

Ao meu esposo, Cleverson, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem e também me apoiou nos momentos de dificuldades.

Aos meus filhos, Eduardo Henrique e Felipe, que embora não tivessem conhecimento sobre a temática aqui tratada, com suas críticas e brincadeiras de forma provocativa, reanimaram os meus pensamentos e me levaram a buscar mais conhecimentos.

Às minhas noras Patrícia e Larissa, que sempre me apoiaram com valiosas sugestões

À minha adorável neta Maria Gabriela, que por várias vezes me fez esquecer o trabalho.

De forma grata e grandiosa agradeço aos meus pais, Benedito (*in memoriam*) e à minha Mãe Maria Aparecida, amiga de todas as horas, a quem sempre dedico minhas preces por minha existência.

À minha irmã Célia, cujo estímulo e amor foram responsáveis pela conclusão desta etapa de meus estudos.

À minha irmã Maria Antonia, cuja dedicação e determinação me mostraram que nunca é tarde para recomeçar.

Ao meu irmão Gilmar, que sempre me fez sorrir, até nas horas mais difíceis.

À minha irmã Juliana, pelo apoio de todas as horas.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, pela alegria e brincadeiras.

Às minhas afilhadas do coração. Vocês foram muito especiais.

Ao Sogro e Sogra, que nunca deixaram de me apoiar.

Agradeço ao professor Alexandre, pela paciência, pelo tempo dedicado às correções, pela orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia; assim como também por ter despertado em mim o entusiasmo pela política.

A todos os professores, que no decorrer dos cinco anos do curso, foram tão importantes na minha vida acadêmica.

Ao Professor Bruno, de Sociologia Rural, que despertou em mim o interesse pelo tema deste trabalho.

À professora Gabriela, por ter nos apontado os caminhos e direções.

À professora Raquel, que me fez um pouco mais antropóloga.

Ao Professor Sinomar, cuja calma e tranquilidade , me fizeram rep
conceitos.

Ao Professor José Antonio, que nos apresentou uma nova leitura do Brasil.

Ao Professor Ailton, que muito nos capacitou diante das pesquisas.

Ao Professor Carlos, hoje coordenador do Curso, obrigado por tudo que fez por mim.

Ao Mestre Djalma, cuja postura é valiosa para o Curso de Ciências Sociais.

À Professora Patrícia, que muito nos ajudou nos estágios.

À Professora Maria Silvia, grande amiga de todas as horas.

Ao Professor Eronides, cuja amizade foi especial.

Às amigas de toda uma vida, Silvana e Malu, o amor e a amizade pela vida inteira.

Meu agradecimento em especial, a todos os moradores do Assentamento Serra Paranaíba - MS. A minha pesquisa só foi possível através do apoio de todos. Durante o processo de coleta de dados, nas visitas que fiz ao Assentamento, fiquei conhecendo muitas histórias de pessoas incríveis. Reencontrei velhos conhecidos e descobri um bairro de Paranaíba, um pouco distante, na área rural do município, mas, um lugar promissor de gente que sofre e luta para viver ali.

Aos meus pais, meu esposo, meus filhos,
minhas noras, minha neta Maria Gabriela que
tanto me apoiaram nessa minl

Maravilhas nunca faltaram ao mundo. O que sempre falta é a capacidade de senti-las e de admirá-las. (Mário Quintana).

RESUMO

É recente o interesse pelo tema Assentamento, sobretudo no campo das Ciências Sociais, com o foco da análise voltado para as questões de produção de alimentos, com o envolvimento das políticas públicas da agricultura familiar. Considerando as discussões sobre o modo de vida das famílias de assentados, sua renda, e produção, a pesquisa cumpre o papel de realizar análise sociológica. Esta pesquisa busca apontar a produção de alimentos como um bom eixo para se discutir a questão antropológica que envolve valores e a cultura de um determinado grupo. Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, a partir de uma abordagem investigativa com visitas ao Assentamento Serra, guiada por perguntas e observação do cotidiano de várias famílias. Acerca da forma como o tema poderia ser trabalhado a partir do enfoque da Sociologia, seguimos a posição de Conterato (2009) de que “a proposta do pensamento sociológico é o de realizar a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais. E, assim, contribuir para um ensino de melhor qualidade”. Por meio de uma análise bibliográfica, e da pesquisa de campo, foi possível responder ao objetivo da pesquisa, de fazer a apresentação de uma parte da realidade, com análise voltada à produção de alimentos de cada morador, e o apoio efetivo do Estado dentro das políticas públicas direcionadas ao pequeno produtor rural. Nesse sentido, destaca-se a influência de diferentes indivíduos dentro daquela coletividade; bem como, os determinantes socioculturais de relação com o trabalho rural, as relações do homem com a terra, e da sua subsistência, evidenciada por práticas cotidianas. E nesse sentido, do que se produz e como se produz, e como se estabelecem as relações de Estado via Município, que se busca compreender a agricultura familiar e os assentados como parte das relações sociais.

Palavra-chave: Assentamento. Agricultura familiar. Estado.

ABSTRACT

Recent interest in the theme Settlement, especially in the field of Social Sciences, with the focus of the analysis focused on the issues of food production, with the involvement of the public policies of family agriculture. Considering the discussions about the way of life of settled families, their income, and production, the research fulfills the role of performing sociological analysis. This research seeks to point to food production as a good axis to discuss the anthropological question that involves values and the culture of a particular group. For that, a bibliographical research was done on the subject, based on an investigative approach with visits to the Serra Settlement, guided by questions and observation of the daily life of several families. Regarding the way in which the theme could be worked out from Sociology's approach, we follow Conterato's (2009) position that "the proposal of sociological thinking is to realize the denaturalization of conceptions or explanations of social phenomena. And thus, contribute to a better quality teaching ". Through a bibliographical analysis and field research, it was possible to respond to the research objective, to present a part of the reality, with analysis focused on the food production of each resident, and the effective support of the State within the Policies directed at the small rural producer. In this sense, the influence of different individuals within that community stands out; As well as the socio-cultural determinants of rural labor relations, man's relations with the land, and their subsistence, evidenced by daily practices. And in this sense, of what is produced and how is produced, and how the relations of State via the Municipality are established, which seeks to understand family farming and the settlers as part of social relations.

Keywords: Nesting. Family farming. State

LISTAS DE SIGLAS

ABRA- Associação Brasileira da Reforma Agrária

AGRAER - Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural

APPAS - Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Serra

CEPAGRO - Centro de Estudos e Promoção de Agricultura de Grupo

CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

SANESUL - Empresa de Saneamento de Mato Grosso do

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 METODOLOGIA.....	16
2 O ASSENTAMENTO SERRA PARANAÍBA-MS.....	20
3 OS CONFLITOS	24
4 A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA RURAL PARA COMPREENDER A REALIDADE DOS ASSENTAMENTOS.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa contribuir com o processo de conhecimento teórico e empírico na área das Ciências Sociais, por meio da compreensão das relações existentes no contexto rural de uma área de assentados, tendo como recorte a realidade do Assentamento Serra, do município de Paranaíba.

Escolhi o Assentamento Serra de Paranaíba, localizado na região da Velhacaria, área rural do município, onde cresci ouvindo, na década de 1970, as histórias sobre o “perigo da reforma agrária”, e por saber que outrora naquele local havia uma vasta extensão agrícola a qual, após o fracasso no setor de produção de grãos ocorrido na década de 1980, foi entregue à reforma agrária.

Nesse sentido, compreendo a necessidade de realizar uma pesquisa voltada para as questões sociais do homem no espaço rural, de modo específico no Assentamento Serra, um vasto planalto que compõe o nosso Município.

A região em destaque possui uma área de 3.004.000 ha e está localizada no nordeste do Estado de Mato Grosso do Sul-MS, 82 km distante de Paranaíba. O acesso ao local se dá por uma estrada secundária, de terra, denominada “estrada do Espicha Couro”; a 39 km de Inocência; 53 km de Cassilândia, pela rodovia MS 112, e a 370 km de Campo Grande, capital do estado.

O referido assentamento está entre uma área limítrofe do município de Paranaíba com Inocência e Cassilândia. No passado aquele local pertenceu à fazenda “Planalto da Velhacaria”, de propriedade do Sr. João Alves Ferreira, que vendera a terra para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e assim deu origem ao Assentamento Serra.

Ao estabelecer contatos com os moradores, deparei-me com uma série de questões problemáticas enfrentadas por eles, tal como o incentivo oferecido pela Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER), por meio de alguns projetos agrícolas, como os de cultivos de manga, de abacaxi e de café. Infelizmente, porém, os resultados foram negativos, já que após o plantio não havia um planejamento para a comercialização dos produtos colhidos em cada safra. Ainda hoje são recorrentes as dificuldades enfrentadas pelos produtores do assentamento em relação à comercialização e à ausência de incentivo de políticas econômicas que possam contribuir para o desenvolvimento local. Contudo, a tradição da criação de gados de leite e de corte é uma realidade desde a implantação do assentamento, pois garante uma renda mensal ao assentado. Ainda assim, por

disponham de poucos recursos financeiros para investirem em sua propriedade, os assentados se dividem entre os serviços em sua propriedade e como trabalhadores braçais nas fazendas vizinhas.

A posição geográfica do assentamento em comento é fator importante para compreender as inter-relações com os municípios de Inocência e Cassilândia, pois contribui para seu isolamento. O desinteresse dos moradores e a falta de ações efetivas de políticas públicas por parte da administração municipal de Paranaíba é uma realidade desde a implantação do assentamento, cujos moradores são economicamente penalizados. Some-se a esse fato, a distância e a dificuldade de acesso a contribuir para dificultar os planejamentos e ações em prol da comunidade que ali reside. Os conflitos são decorrentes do distanciamento entre o poder público municipal e a organização do assentamento.

Com o presente trabalho, tivemos a pretensão de compreender como se estabelecem as relações de capacitação, produção e venda dentro do assentamento, além de buscar conhecer, por meio de uma análise investigativa, os gargalos que impedem os avanços dessa comunidade. Para tanto, com base no debate teórico e empírico sobre a questão agrária brasileira, e por meio de pesquisa de campo, com visitas previamente agendadas ao assentamento, além do fato de ser uma conhecedora das dificuldades que muitos moradores enfrentam, justifica-se o trabalho pelo compromisso de, após o término de minha pesquisa, apresentar o teor das entrevistas às pessoas responsáveis, assim como o resultado da pesquisa, ancorado na ética profissional que permeia as Ciências Sociais.

As políticas nacionais para o pequeno produtor rural nos últimos 10 anos obtiveram avanços significativos com a criação de linhas de crédito para a aquisição e o melhoramento do gado leiteiro. Tal recurso beneficiou com efeito positivo os produtores que fizeram à aquisição e o melhoramento de rebanho com o auxílio do programa do governo estadual denominado “Leite Forte”, que promoveu o incentivo à produção leiteira da região. Cada morador possui suas vacas de leite, muitas financiadas pelo Banco do Brasil, em parceria com o melhoramento genético de produção de leite.

E dessa maneira a produção média diária de leite dentro do Assentamento Serra é de 12.000 litros na estação das chuvas, período com maior oferta de pastagens. No entanto, no período da seca, por não possuírem silagens suficientes e não disporem de recursos tecnológicos de manejo de pastagens, a produção cai para 8.000 litros dia. Tal relato deixa nítido que nesse setor, caso haja investimentos suficientes, a região tem capacidade para aumentar seu potencial produtivo.

O conceito de pequeno produtor rural precisa ser analisado dentro do contexto, pois não é o simples fato de viver dentro de um assentamento que faz do indivíduo um hábil agricultor, ou que tenha interesse em produzir alimentos; suas necessidades podem ser outras. É preciso compreender todo o processo de análise que envolve as dificuldades externas àquela realidade.

Grande parte dos moradores vive de pequenos trabalhos que realizam nas fazendas vizinhas, no entanto, a existência de órgãos que desenvolvem uma função de apoio técnico, como a AGRAER, poderia estimular novas possibilidades de produção e comercialização.

Dentro dos relatos coletados, dentre os quais o apresentado pelo senhor Paulo, morador mais antigo, as reclamações acerca da falta de apoio, de políticas eficientes por parte do município de Paranaíba, foi uma constante, como se pode observar na transcrição de sua fala, a seguir:

“Existe um verdadeiro descaso com o pessoal daqui, quando precisamos preparar o solo pra plantar, vamos até a Prefeitura pedir o maquinário, um trator com grade, é uma pelega sem fim, todo ano a mesma história”.

Apesar do desabafo, o Sr. Paulo e sua Esposa, D. Lurdes, não escondem as relações de comércio que mantêm com o município de Inocência, e os favores que os políticos da cidade vizinha fazem para eles.

No entanto, o nosso objeto de estudo está nas relações entre Assentamento Serra e as políticas e projetos públicos efetivos; as raras ações que não contribuem para uma condição de vida digna aos moradores e a falta de recursos financeiros.

Cada assentamento constitui um grupo de pequenos produtores rurais, com o título de posse do seu lote de terra. Muitos aguardavam a documentação e a legitimação no decorrer do ano de 2015, pois há uma ação por meio do INCRA, para regularizar os lotes, determinando seus limites, áreas de reserva legal, e preservação das nascentes. Após os trâmites legais dentro do processo de mapeamento geográfico, atendendo as normas legais do INCRA, cada morador terá assegurado o princípio sobre a propriedade, e assim não será mais um posseiro dentro do assentamento.

No Brasil, a Lei 10.267/01 torna obrigatório o georreferenciamento do imóvel na escritura para alteração nas matrículas, como mudança de titularidade, remembramento, desmembramento, parcelamento, modificação de área e alterações relativas a aspectos ambientais, respeitando os prazos previstos. A mesma lei criou o Cadastro Nacional de Imóveis Rurais - CNIR, que terá base comum de informações, gerenciada conjuntamente pelo

INCRA e pela Secretaria da Receita Federal, produzida e compartilhada pelas diversas instituições públicas federais e estaduais produtoras e usuárias de informações sobre o meio rural brasileiro. (BRASIL, 2001, grifos nossos).

Sobre o fato de os assentados até o ano de 2014, terem o título de posse e não de propriedade, a Constituição de 1988 deixa clara a função social da propriedade como princípio básico de ordem econômica. Desse modo,

[...] não pode mais ser considerada puro direito individual, especialmente porque os princípios da ordem econômica são preordenados à vista da realização de seu fim: assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social. (SILVA, 2000, p. 270).

Assim, assegurar o direito de propriedade é fazer justiça, mesmo que tardia aos moradores do Assentamento Serra, de modo a atender e assegurar o direito à propriedade como uma função social.

O presente trabalho foi dividido em duas partes: na primeira constam o referencial teórico, e o metodológico, a partir de pesquisa bibliográfica; na segunda está presente a pesquisa de campo, junto ao presidente da Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Serra. Com o fito de preservar a identidade dos entrevistados, os nomes citados na pesquisa são fictícios.

I. METODOLOGIA

A partir dos dados de conhecimento do local onde realizei a minha pesquisa, a escolha do tema, e o objeto de estudo estão relacionados à proximidade que possuo em relação a eles, ou seja, por possuir um conhecimento anterior da realidade atual. Nesse sentido, observo que algumas questões postas poderão servir de respaldo científico ao objeto, pois para muitos estudiosos, especialmente dentro da Antropologia, o foco da pesquisa está na diferença entre o pesquisador e o objeto pesquisado, contudo, as diferenças não são estabelecidas, elas são construídas.

Desse modo, a minha posição frente ao objeto observado, pauta-se na reflexão metodológica do distanciamento, o que me reporta ao trabalho do antropólogo Gilberto Velho (1989), o qual afirmava que ao pesquisar o familiar, o pesquisador deve ser imparcial, além de desenvolver tanto o método qualitativo quanto o quantitativo.

Optei pela pesquisa mista, com a utilização de referenciais bibliográficos e de campo; , com coleta de dados na forma de entrevista; a partir do suporte teórico metodológico de Goldenber (1999).

O objeto de estudo é o Assentamento Serra de Paranaíba-MS e a agricultura familiar. O objeto de verificação científica parte de referenciais bibliográficos de autores como Martins (1997), Holanda (1995) e da técnica de entrevistas semiestruturadas, realizadas com os moradores do referido assentamento, em especial com os membros da Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Serra (APPAS).

No ano de 2014 foi celebrado o ano Internacional da Agricultura Familiar, campesina e indígena, promovido pelo Comitê Brasileiro - órgão composto por diversas secretarias e ministérios do Governo Federal e programas de investimento na agricultura familiar -, o qual divulgou por meio de dados estatísticos da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) que 70% dos alimentos consumidos no Brasil vêm desse setor. Acerca desse tema reportei alguns questionamentos sobre os pequenos produtores do Assentamento Serra com o objetivo de compreender a complexidade histórica e cultural que envolve esse modelo produtor dentro do assentamento.

A análise é precisa sobre a categoria econômica e a sustentabilidade dos assentados a partir do suporte histórico da ruralidade brasileira, como nos demonstra Holanda (1995). No tocante à ocupação das áreas rurais, desde os tempos do Brasil Colônia, o modelo de uso da terra pelas grandes propriedades, quando a figura do lavrador era de subsistência em

áreas cedidas sob o regime de meeiros, esse recorte de nossa história aponta o mapa da desigualdade no campo. Os diversos movimentos e lutas por uma Reforma Agrária que recolocasse o homem sem terra em uma pequena propriedade, vem tomar corpo e voz da década de 90 com as novas políticas de redistribuição de áreas improdutivas, com as ações do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) em diversas áreas e assentamentos pelo país.

O Assentamento Serra está localizado em Paranaíba; no entanto, por estar no limite do município, sua localização cria laços comerciais maiores com Cassilândia e Inocência, tendo em vista que os recursos do Governo Federal chegam somente via Prefeitura de Paranaíba, e como mencionarei a seguir, o poder público do município deixa uma considerável lacuna no atendimento às necessidades daquela comunidade.

Como já foi mencionado anteriormente, as relações comerciais dos assentados se estabeleceram com os municípios mais próximos, o que gera um negativo círculo vicioso, como pouca representação política, desinteresse por parte dos políticos em trabalhar em prol dos assentados, que conseqüentemente sentem-se frustrados e sem expectativas de crescimento.

Nos dados coletados junto à Agente de Saúde, que atende a todos os moradores do Assentamento Serra e faz seu trabalho de visitas e agendamento de consultas, constatou-se que no assentamento há o registro de 400 títulos de eleitores, referentes às 112 famílias; no entanto, apenas 200 pessoas votam na seção eleitoral de Paranaíba, que é levada até o assentamento em todas as eleições.

Tal fato contribui para a falta de representatividade local, e confirma a ausência de interesses, tanto dos assentados quanto dos candidatos no pleito eleitoral, já que a parcela de eleitores que ali residem e votam em outro município retrata a falta de ações conjuntas da associação dos moradores, confirma sua fragilidade, ou ineficácia e contribui para a ausência e afastamento do poder público municipal, assim como para o aumento do desencantamento dos moradores.

Nesse sentido, cabe à pesquisa trazer apontamentos que contribuam para uma reflexão sobre as questões pertinentes ao Assentamento Serra, sua posição geográfica, assim como nas questões de inclusão do pequeno produtor rural dos assentamentos, no processo de financiamento com linhas de crédito que assegurem a oportunidade de competir no mercado, dentro de sistema de abastecimento regional.

Desse modo, o trabalho de pesquisa sobre as condições históricas e sociais do Assentamento Serra é importante, pois revela uma realidade local, a qual se constitui distinta

em suas necessidades e com traços culturais típicos do “caipira”, mantém as tradições próprias do Brasil rural. Portanto, nesse ponto a investigação cumpre com seu objetivo, de observar as questões sociais em uma perspectiva atual.

A temática da pesquisa, voltada para a questão da agricultura familiar, chamou minha atenção por envolver uma área onde estão instaladas 112 famílias distribuídas em pequenos lotes de terra, e com pouca estrutura econômica e tecnológica. Tendo em vista os programas de apoio ao pequeno produtor rural, dentro do processo de pesquisa compreendi ser pertinente, estudar as questões da região do município de Paranaíba, em especial o Assentamento Serra. Embora tivesse conhecimento de outros trabalhos sobre o referido assentamento, busquei referenciais teóricos sobre as questões rurais nacionais, e regionais, organizei a partir de textos, artigos, obras de autores com perfil sociológico, para embasar meu pensamento acerca do papel da reforma agrária, da desigualdade social vivida no campo, e da luta por políticas públicas efetivas.

Iniciarei essa etapa da descrição citando o quanto é complexo o papel do pesquisador, pois deve apresentar um novo olhar, ou reaprender a olhar, como demonstra Goldenberg (1999, p.13):

Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas. O pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado- o ‘possível’ para ele

O planejamento foi realizado por etapas. Primeiro suporte teórico, e metodológico, refacção de alguns recortes, revisão de algumas possibilidades de análise, pois por ter escolhido uma área rural, tive que planejar visitas até o local, mantive contato com alguns moradores, mas não encontrei dificuldade, já que todos foram bastante receptivos.

O trabalho teve a orientação dos Professores Patrícia Benedita Aparecida Braga, Bruno de Oliveira Ribeiro e Alexandre de Castro, durante o ano letivo a partir de bases teóricas de modelo de pesquisa, como elaborar uma pesquisa com validade, e a difícil tarefa de estabelecer autoanálises críticas.

A pesquisa pautou-se no método de análise de Goldenberg (1999, p.17), a qual aponta:

Tomando ‘os fatos sociais como coisas’, Durkheim defendia que o social é real e externo ao indivíduo, ou seja, o fenômeno social, como fenômeno físico, é independente da consciência

humana e verificável através da experiência dos sentidos e da observação

Por meio da observação, de entrevistas, de referenciais teóricos, busquei elucidar alguns questionamentos acerca do objeto de estudo - a produção dentro do Assentamento Serra e a agricultura familiar -, os fatores determinantes para compreender o modelo de vida rural ali constituído há mais de 15 anos. Foi relevante diagnosticar as questões de interesses particulares e todo o processo que envolve as políticas internas dentro do assentamento, pois ali existe uma associação de produtores.

Por pertencer ao município de Paranaíba, todas as questões burocráticas e ações do estado do assentamento estabelecem-se via AGRAER. Os recursos públicos para a saúde, educação, infraestrutura são de obrigação do Município de Paranaíba. No entanto o nosso objeto de estudo focou nas relações entre Assentamento e as políticas públicas, as ações e os projetos públicos que não contribuem para uma condição de vida digna dos moradores, a falta de recursos financeiros e projetos efetivos.

As entrevistas foram realizadas com pessoas influentes na localidade: líderes dentro do assentamento e comuns, como o Senhor Manoel e sua esposa Lucia, que além de sua produção de leite são proprietários de uma lanchonete, onde servem pizzas, salgados, sorvetes, refrigerantes, cervejas.

Outro entrevistado na pesquisa foi o Sr. João, atual presidente da APPAS, cargo que ocupa pelo 4º mandato, consecutivo.

A pesquisa tinha como expectativa elucidar sérios problemas apontados por moradores como o isolamento de ações efetivas via município de Paranaíba, e por consequência órgãos estaduais, como acesso à AGRAER.

No decorrer deste trabalho visitei praticamente todos os sítios, conversei com muitos moradores, cada qual com sua história, encontrei muitas crianças no campo de futebol nos finais de semana, festas em prol da Associação dos plantadores de maracujá, jovens, velhos, todos cuidando de seu pequeno pedaço de terra arado e já sendo coberto pelo verde das parreiras de maracujá.

2 O ASSENTAMENTO SERRA DE PARANAÍBA

O Assentamento Serra de Paranaíba, assim como tantos outros espalhados pela região Central do Brasil, é um planalto de campo aberto, com pequenos lotes entre 18 e 24 hectare. Sua história é recente, com menos de 20 anos, seus moradores, na grande maioria é da própria região, ex-trabalhadores de fazendas de gado, ou moradores de cidades vizinhas, hoje vivendo do cultivo da terra, ou de serviços prestados aos vizinhos. Suas vidas, suas histórias, são como tantas outras de sonhos de luta e de conquistas. Muitos dos primeiros assentados não permaneceram no local, pois as dificuldades encontradas e os escassos recursos fizeram com que passassem o seu direito de posse a outro interessado, no entanto, encontramos muitas histórias dos fundadores do Assentamento Serra e sua luta para sobreviver no campo

O eixo central desta pesquisa nos aponta para algumas questões. A primeira diante dos novos programas do governo federal de apoio e incentivo ao pequeno produtor rural, indicar qual o caminho para assegurar que tanto o conhecimento técnico quanto a informação deem frutos e bons resultados dentro do Assentamento Serra. A segunda questão se refere ao modo de como estabelecer uma linha de diálogo entre os próprios moradores, pois ali convivem indivíduos tão distintos, apesar da coletividade dentro de um interesse único, que é a posse da terra. O processo de trabalho é compreendido de forma individualizada e distinta, ou seja, nem todos pretendem retirar do solo o seu sustento, por meio do trabalho árduo do cultivo e da produção de alimentos.

E no intuito de atender esse cenário de assentamentos, o papel das políticas governamentais foi de garantir as condições mínimas necessárias para o desenvolvimento dessas regiões. No entanto, a condição de posseiro sem o título de propriedade inviabiliza os projetos de linha de crédito. Dentro dos programas vigentes, como o de agricultura familiar, procurei compreender a formação do assentamento em pauta.

A região de Paranaíba é o berço das grandes fazendas de gado de corte e de leite, e esse perfil se opõe à realidade da vida rural do pequeno produtor que compõe a grande maioria de famílias empobrecidas que buscam suprir suas necessidades básicas. Assim como nos apresenta Furtado (2007). Esses pequenos produtores tentam, com pequenas criações de gado, de onde retiram o leite a carne, o couro e servem como moeda de troca, pequenos cultivos de hortaliças, pequenas granjas de galinhas e suínos, pomares, mandiocais, pequenas lavouras de feijão, milho e abóbora, sobreviver de forma autônoma e ter uma vida digna.

Ainda sobre os costumes da agricultura como base da alimentação do século XVII, nos demonstra Holanda (1995, p.60):

Outros costumes, como o do muxirão ou mutirão, em que os roceiros se socorrem uns aos outros nas derrubadas de mato, nos plantios, nas colheitas, nas construções de casas, na fiação do algodão, teriam sido tomados de preferência ao gentio da terra e fundam-se, ao que parece, na expectativa de auxílio recíproco, tanto quanto na excitação proporcionada pelas ceias, as danças [...] Se os homens se ajudam uns aos outros, notou um observador setecentista, fazem-no mais animados do espírito da *caninha*, do que do amor ao trabalho.

Os mutirões eram finalizados com festividades, comidas e cachaça em abundância. O trabalho nos roçados era de interesse coletivo em prol de um grupo específico, com a realização de festividades como objetivo maior. No Brasil sempre esteve muito enraizada a cultura agrária, dos latifúndios, dos senhores de engenhos, barões do café. A relação cidade e campo sempre esteve muito ligada ao próprio meio de produção do alimento, presente por todo o interior do país até os dias atuais. As questões agrárias representam maior valor nos pequenos e médios municípios do país.

No governo do PT o Programa Nacional de Apoio ao Pequeno Produtor cumpriu no papel uma nova ordem de distribuição de renda e de valorização da agricultura familiar como suporte de abastecimento em diferentes setores públicos da cidade. Dentro do projeto da aquisição da merenda escolar ocorre o intercâmbio entre o rural e o urbano, criam-se laços de revitalização do setor rural, como podemos observar nos dados do Centro de Estudos e Promoção de Agricultura de Grupo (CEPAGRO 2011):

Merenda Escolar terá 30% dos produtos direto da Agricultura Familiar A comercialização dos produtos da Agricultura Familiar – historicamente, o calcanhar de Aquiles no desenvolvimento da atividade – acaba de ganhar um expressivo aliado. Trata-se da Lei Nº 11.947, sancionada em junho, determinando que no mínimo 30% da merenda escolar seja comprada diretamente de agricultores familiares, sem licitação. Os recursos são do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), repassados ao PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), que por sua vez abrange todas as escolas públicas e filantrópicas do país, da educação infantil ao ensino de jovens e adultos. Antes da Lei Nº 11.947, o PNAE atingia apenas a educação infantil e o ensino fundamental.

Ainda sobre a questão da pecuária de leite nos assentamentos, como forma de sustentabilidade no meio rural, tomo as palavras de Plínio de Arruda Sampaio, um dos Membros da Associação Brasileira da Reforma Agrária (ABRA), sobre as questões que inviabilizaram os programas do Governo Federal no período de 2002 a 2006:

A ABRA considera que o II PNRA adotado pelo governo Lula não correspondeu à Proposta. Ela foi cortada ao meio e transformada em um mero plano de assentamentos, como tantos outros que caracterizaram políticas agrárias de governos anteriores. As restrições de recursos oriundas da política macroeconômica conservadora, herdada do governo passado e adotada pelo governo Lula, mutilaram a proposta. Alteraram profundamente o seu caráter - de estrutural passou a ser meramente compensatória. (ABRA, 2005)

Tal posicionamento, coincide com as diversas dificuldades que desde o início de 2000 até a atualidade vêm enfrentando os moradores do Assentamento Serra. Sobre as questões pertinentes à produção e comercialização dentro do Assentamento, segue a descrição da entrevista concedida pelo senhor João, presidente da APPAS e motorista do ônibus escolar, que recebe mensalmente do município, por km rodado.

Entrevista:

1) Quais os alimentos são produzidos no assentamento?

R- café, milho, leite, algumas plantações de manga.

2) Qual o papel da associação?

R- É buscar recursos junto ao governo, incentivos, alguns cursos, e pedir ajuda para os políticos.

3) A associação é responsável pelos projetos, ou é individual?

R- O projeto do Leite, cada um buscou recurso próprio junto ao banco, somente quando buscamos algum benefício coletivo, como por exemplo um trator para preparar a terra, para o plantio.

4) A associação tem participação ativa dentro do assentamento?

R – Poucos participam das reuniões, é difícil reunir todos, mas mesmo assim conseguimos alguns recursos.

5) Os associados participam das reuniões da APPAS?

R- Uma meia dúzia, pra reclamar tem muita gente, mas organizar o povo aqui é difícil.

6) Existe alguma forma de cooperativa?

R- Não, aqui não funciona, é cada um por si

7) Existe alguma dificuldade de produção, seja na aquisição dos implementos, preparo do solo, irrigação, armazenamento?

R- Sempre tivemos problemas, conseguimos as sementes, daí falta o maquinário, vem o técnico dá o curso, mas depois pra quem vamos vender, com o plantio das mangas mesmo, foi assim, acabou virando ração pros porco, vaca.

8) Qual o órgão responsável pelo suporte técnico e informativo?

R- SENAR, através do Sindicato Rural de Paranaíba, e a AGRAER.

9) Quais os recursos são empregados em cada lote, pela associação?

R- Ah, de benfeitoria vai chegar água canalizada, mas não vai ser em todos os lotes.

10) Todos os lotes produzem algum tipo de alimento?

R- Não, tem aqueles que não ligam em plantar, nem em criar um gado, fica trabalhando aqui e ali, e esperando ajuda do governo.

11) Qual produto está presente na maioria dos assentados?

R- O leite, um quintal com galinhas e porco, eu fiz uns tanques pra criar tilápia, mas ainda não deu certo.

12) Os produtos são enviados para algum município, ou é somente para abastecimento local?

R- somente o leite é que vai pra Cassilândia, tem uns moradores que vendem pimenta, pão caseiro lá também.

13) Existe comércio entre o assentamento e o município de Paranaíba?

R- Não, creio que ainda não, devido a distância.

14) Existe apoio de algum órgão governamental no processo de produção e comercialização dos produtos?

R- Do Governo do Estado com os técnicos que trazem os cursos.

15) Qual a fonte de renda para as famílias do assentamento?

R- É basicamente do leite, depois que fizemos instalação dos resfriadores, alguma melhoria na ração das vacas, o leite tem sido a fonte de renda, a minha mesmo é através da linha do ônibus

Após a entrevista com o senhor João, retornei em outras ocasiões, conversando com diversos moradores. Dentro deste processo fui estabelecendo, alguns pontos de análise, sobre a vida daquele grupo de moradores, seus dilemas pessoais e coletivos, conhecendo as relações entre força de trabalho e necessidade. As necessidades se divergem de tal modo, que é fácil compreender entre um lote e outro as características do seu morador e sua relação com a produção agrícola, quer seja de subsistência ou comercial ou nenhuma das afirmações.

Em muitas das visitas até o assentamento, observei em alguns lotes a existência de tanques resfriadores de leite, compostos por um reservatório de inox refrigerado, com

capacidade de armazenamento de leite *in natura* por 24h, utilizado por até 4 produtores de leite, e a coleta é feita por uma empresa de laticínios do município de Cassilândia-MS.

Segundo o Sr. João, presidente da Associação dos moradores, é devido à proximidade com o município de Cassilândia e facilidade de acesso que se estabeleceu o comércio de leite, e além disso os preços convidativos pagos aos produtores favorecem e estimulam a criação de gado, e desse modo as relações comerciais se efetivaram com Inocência e Cassilândia. Contudo, o Assentamento Serra é de responsabilidade municipal de Paranaíba, como nos serviços de assistência técnica agrícola, assistência médica, educação, infraestrutura, suporte de equipamentos agrícolas como tratores, patrulas e assistência técnica via Sindicato dos Trabalhadores rurais, e Sindicato dos Produtores Rurais de Paranaíba, e apoio da Câmara Legislativa e do Poder Executivo Municipal.

O contexto do mundo rural, como nos descreve muito bem Martins (1997), é tortuoso e desprezado, mas também é repleto de valores, de esperanças onde há qualidade de vida, dentro das mais diferentes escolhas. É um fato inovador, diante das relações que hoje se reafirmam como saudáveis, a vida no campo, ou rural, deixa de ter o apelo do saudosismo, e se desenrola sob novas perspectivas. Não que os embates pela falta de estrutura estejam sendo vencidos, mas outros valores que ora surgem, como inovações e outras perspectivas de produção agrícola. Em 2015, um pequeno grupo de moradores é incentivado, por meio do apoio técnico do SENAR a fazer o plantio de maracujá. Após a organização da Associação dos Produtores de Maracujá do Assentamento Serra, com o cadastro de 30 produtores inscritos, iniciou-se o treinamento sobre o manejo, preparo do solo, irrigação, confecção das mudas, polinização das flores, preparo de defensivos contra pragas, e adubação com adubo orgânico. O processo de cultivo do maracujá hoje é uma realidade no Assentamento Serra.

A diretoria da referida associação conta com uma mulher na presidência, e atualmente busca recursos para construir a sede da associação, após a venda da primeira colheita dos frutos. A primeira safra foi um sucesso e de tal modo satisfatória que outros moradores se interessaram, formaram novo grupo de 28 produtores, totalizando 58 famílias de produtores de maracujá. E para complementar a renda, muitos moradores estão fazendo consórcio de outras cultivares, como abobrinha, melancia, pimenta, maxixe, entre outra

3 OS CONFLITOS

Neste capítulo, por meio da análise das entrevistas com os antigos moradores do assentamento, buscaremos entender os conflitos entre assentados e o poder público local, as reclamações, as críticas do completo estado de abandono, reclamado por todos os moradores.

Busquei compreender a função da APPAS, enquanto associação e representação dos desejos coletivos, o acesso aos recursos e as questões de regulamentação da posse definitiva da propriedade junto ao INCRA.

O Assentamento Serra localiza-se a 83 km distante do perímetro urbano de Paranaíba, MS por estrada de terra; já o acesso pelo município de Inocência se dá por rodovia asfaltada, e a distância é de apenas 32km. É uma região de planalto, com típica vegetação de campo e cerrado, de solo argiloso. O abastecimento de água é feito por poço artesiano, que já existia naquele local. Faz limite com duas nascentes de água denominadas Velhacaria e Barraca, as quais são afluentes do Rio Santana, que após percorrer seu percurso rural, chega até a área urbana do município de Paranaíba, onde suas águas são utilizadas para o abastecimento da Empresa de Saneamento de Mato Grosso do Sul (SANESUL).

O Assentamento Serra foi uma área proveniente de reforma agrária, quando no ano de 1997, ali foram assentadas 116 famílias. No entanto, esse assentamento não fez parte do MST, segundo pesquisas junto aos moradores. O Sr. João, que hoje ocupa o cargo de presidente da APPAS, é um dos líderes que organizaram o assentamento na década de 90, nas margens da rodovia MS112, junto à divisa da propriedade que naquela época estava sendo vendida para o INCRA. Ali o Sr. João Ferreira, proprietário da Fazenda, estava colocando a área à venda, ter uma grande dívida de financiamentos de lavoura em aberto junto ao Banco do Brasil. Como a terra era a garantia, a venda para o Governo Federal via Reforma Agrária era uma alternativa rápida e viável.

No cenário nacional as Lideranças do MST vinham pressionando o Governo Federal com invasões de áreas improdutivas, e mesmo das sedes do INCRA como nos reporta uma passagem do professor e historiador Grynszpan (2003, p.319):

As invasões de terras, os acampamentos nacionalizaram-se, afirmaram-se como tática privilegiada na busca da reforma agrária [...] o MST também condicionou sua visibilidade pública e sua força, largamente, à promoção de ocupações, à produção de fatos políticos, o que, em conjunturas desfavoráveis, se constitui em fator de tensão.

É, portanto, dentro deste cenário de luta pela Reforma Agrária em nível nacional organizada pelos Movimentos Sociais ligados ao homem do campo, que encontramos os assentados do Assentamento Serra no ano de 1997. A afirmação de que não houve participação efetiva do MST, como nos reporta o Sr. João no início, pode ser compreendida de modo indireto, pois havia toda uma força política que atuava em várias regiões e impulsionou os trabalhadores rurais e urbanos em diversas localidades a buscar seus direitos de ter um pedaço de terra para viver.

Desse modo, despertou interesse dos moradores das cidades vizinhas como Inocência, Cassilândia, Aparecida do Taboado, Paranaíba e Selvíria. Logo um grupo de trabalhadores rurais se organizou e desde então fixaram barracos de lona às margens da Fazenda Planalto do Velhacaria, pleiteando um lote de terra para plantar. Organizaram-se às margens da MS112, tão logo descobriram que a fazenda estava sendo vendida para o INCRA, e que seria destinada à reforma agrária.

Hoje todos residem em casas de alvenaria, os lotes são divididos por “linhões”, denominação dada às estradas de acesso que se interligam por uma linha central onde está localizada a sede do assentamento, e que era a antiga sede da Fazenda Planalto do Velhacaria, com estrutura de barracões, casas de alvenaria poço artesiano.

Existe uma área de reserva permanente, local destinando ao reflorestamento natural da vegetação de cerrado, no entanto por não haver fiscalização, há com frequência animais soltos nas pastagens.

No assentamento há uma sede onde fica o posto de atendimento municipal de saúde. Dentro do Assentamento foi implantada uma escola para atender a educação das crianças e jovens, porém no ano de 2011, por meio de um decreto do prefeito daquela época, a escola foi fechada, e os alunos transferidos para outra escola localizada no Distrito do Alto Tamandaré, afastado a 18Km. Outra parte dos alunos foi estudar no município de Inocência. Tal fato gerou revolta nos moradores, no entanto até o momento a escola permanece fechada, e as crianças se deslocam via ônibus escolar até o distrito. .

Não há linhas regulares de transporte de ônibus ligando o assentamento até Paranaíba. Existem duas sedes de igrejas evangélicas, a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil.

Todo apoio a projetos agrícolas é de responsabilidade da Agencia de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR).

Há no Assentamento Serra algumas famílias formadas por casais com filhos pequenos, entretanto a grande maioria é de moradores que possuem 50 anos em média, e

desse modo os filhos adultos saíram do assentamento para trabalhar em outras fazendas maiores, na condição de vaqueiros e tratoristas, em decorrência da falta de interesse ou por necessidade.

Acredito ser relevante a coleta de dados, a fim de identificar as questões sociais, além de conhecer a realidade dos assentados como parte de uma estrutura no meio rural, traçar um perfil desses indivíduos e da sua consciência enquanto coletividade, seus anseios diante dos projetos políticos, compreender as suas dificuldades dentro das relações com os meio rural e urbano. Nesse sentido, nos aponta Martins (2000) em sua explanação:

[...] como é necessário na ciência, com os movimentos sociais que nos falam do novo protagonismo histórico das populações rurais, de sua busca. A contribuição possível da sociologia rural para a qualidade de vida rural está justamente no reconhecimento das reservas de possibilidade histórica que as populações rurais, sobretudo as populações camponesas, ainda têm para reinventar o mundo e reinventar-se no mundo.

A vida da população rural, ou dentro do assentamento, faz parte de um conjunto de hábitos e comportamentos historicamente descritos pela voz dos moradores. Seu clamor que ora ouvimos, nos leva a compreender que a conquista da terra para o seu trabalho, não é o final da luta com a conquista da terra, mas sim o começo de um novo mundo de possibilidades. Compreender esse universo rural de possibilidades é o papel analítico desta pesquisa.

O interesse em morar na área rural não é o mesmo para todos os assentados, nos foi relatado pelo Sr. Bang desta forma:

“Eu aqui vivo de poesia, sou trovador, componho músicas, toco sanfona, toco viola, trabalhar no cabo da enxada não é coisa pra mim, quem usa a inteligência não precisa fazer esforço físico”.

È um senhor de mais de 70 anos de idade, vive com sua esposa no seu lote de terra, ele se define como um artista. Gosta de contemplar a natureza e tem no assentamento muitos amigos.

Hoje a luta pela permanência no campo não ocupa espaço na mídia, ou nos veículos de comunicação, pois as políticas de apoio e incentivo surgem como tendências e não como programas de governo. Dentro desse contexto, a valorização da agricultura familiar, ou das pequenas propriedades rurais, vem ganhando força e tem contribuído de forma a valorizar o pequeno produtor rural.

Esse modelo de incentivo vem, por meio do SENAR, trazer um novo projeto de desenvolvimento rural para o Assentamento Serra, com cultivares frutíferas, como o plantio

de parreiras de maracujá. O efeito desse suporte tecnológico influenciou no sistema de produção, por meio da Associação das Produtoras do Maracujá e um grupo de 30 famílias se organizou dentro do processo de capacitação. O projeto foi implantado em 2015 e já colheu seus primeiros frutos em 2016, e a partir de então a associação vende a produção de todos os cooperados.

Alguns autores como Souza Junior (2013) chama atenção para essa relação entre o desenvolvimento e a produção de alimentos. Segundo esse autor, essas relações estão enraizadas em vários fatores.

Com o incentivo à produção de alimentos a nível mundial, o agronegócio passou a ser uma característica de nosso país. Nesse sentido, deve-se observar os problemas como: a monocultura em grandes áreas, como a cana-de-açúcar, a pecuária dentro de biomas, a cultura extensiva das florestas destinadas à celulose, como as mencionadas que circundam o Assentamento Serra. Com base nessa perspectiva, o pequeno produtor rural cumpre seu papel, sem destruir seu entorno, e de modo sustentável ele preserva sua terra. Além das questões ambientais aqui citadas, devemos observar a qualidade de vida, as condições de nutrição dos trabalhadores que produzem neste Brasil agrário. A esse respeito Souza Junior (2013), nos alerta:

Reduzir o desperdício é outra parte da resposta que merece grande atenção. Há dois tipos de desperdício. Um deles pode ser atribuído à compra e uso sem planejamento por parte do consumidor (famílias, restaurantes, etc.); o outro decorre da falta de iniciativas dos municípios para agregar valor ao resíduo vegetal que geram, e que, na maioria das vezes, acaba nos lixões. A redução do desperdício passa com certeza por um processo gradual de educar a população por meio de políticas públicas contínuas e de amplo alcance. Já a parte que cabe aos municípios, com ou sem apoio estadual ou federal, depende basicamente de conhecimento e de visão de futuro por parte dos governantes.

Desse modo a perspectiva de produção, dentro do Assentamento Serra, vem contribuir para esse modelo de agricultura sem desperdício, sem as grandes proporções da monocultura extensiva. Ao pequeno produtor do assentamento caberá o papel de guardião de um modelo sustentável, sem agredir, ou poluir áreas de preservação.

4 A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA RURAL PARA COMPREENDER A REALIDADE DOS ASSENTAMENTOS.

A fundamentação desta pesquisa está pautada nas obras de Martins (1997, 2000), Grynszpan (2003) e Holanda (1995). Dentro dessa perspectiva é válido citar Bourdieu (2004), sociólogo Francês que dedicou um trecho de sua obra para discorrer sobre a concepção de região, e mais especificamente, sobre a identidade e a representação dessa. Para tanto, utilizou-se de elementos para uma reflexão crítica sobre a definição do termo região, pois não há consenso entre os cientistas para estabelecerem um critério de elucidação do que seja. Além dos sociólogos, procuram fazê-lo os geógrafos, os historiadores, os etnólogos, os economistas, dentre outros.

Porém, ao escolher o Assentamento Serra, uma região pertencente ao município de Paranaíba, é relevante identificar a realidade dos seus moradores, como resultado de muitas lutas pela reforma agrária, e os desafios de permanecer no campo.

A sociologia rural tem um pesado débito para com as populações rurais de todo o mundo. As gerações vitimadas por uma sociologia a serviço da difusão de inovações, cuja prioridade era a própria inovação, ainda estão aí, legando aos filhos que chegam à idade adulta os efeitos de uma demolição cultural que nem sempre foi substituída por valores sociais incluídos, emancipadores e libertadores: ou legando aos filhos o débito social do desenraizamento e da migração para as cidades ou para as vilas pobres próximas das grandes fazendas de onde saíram, deslocados que foram para cenários de poucas oportunidades e de nenhuma qualidade de vida (MARTINS,2000).

A nossa contribuição por meio da Sociologia é uma insignificante partícula de experiência a partir de conhecimentos prévios da realidade local, dos projetos inacabados, da falta de investimentos públicos, da realidade onde valores sociais de diversos interesses entre os próprios assentados, o desinteresse ou desconhecimento da função do associativismo, para ganhar força e representatividade.

A Reforma Agrária, e política pública, segundo Martins (1997), é uma das raízes da grave questão social brasileira, composta de desenraizados da terra,

A grave questão social, constituída por esses milhões de brasileiros desenraizados e marginalizados, não se resolve sem que um governo modernizador crie uma questão política: a de responsabilizar os grandes proprietários de terra e, com eles esses setores atrasados da elite política do país pelas conseqüências sociais de um dos seus privilégios mais sólidos (MARTINS, 1997, p.52).

A questão agrária no Brasil não é tema de interesse político. Os fatos históricos nos apontam para a obra de Grynszpan (2003), sobre os conflitos e as conquistas para o trabalhador rural. Contudo, as políticas públicas de investimento no setor rural brasileiro seguem a linha do grande proprietário, criando o setor do “agronegócio” como um expoente de produção agropecuária.

Nesse segmento estão os setores da produção de grãos, de carne, de grandes propriedades de monocultura da cana-de-açúcar, da celulose, da borracha, entre outras. Do outro lado temos o segmento da agricultura familiar, como base do abastecimento interno, ficando essa questão rural nas mãos dos pequenos proprietários de terra e assentados da Reforma Agrária em diferentes regiões. Em 1996, após o massacre ocorrido em Eldorado dos Carajás, região situada no Pará, onde por ocasião de um conflito de terras, e restituição de propriedade, a Polícia Militar matou a tiros 19 trabalhadores rurais que lutavam pela posse da terra, o Governo Federal cria o Ministério do Desenvolvimento Agrário e assim dá início a políticas de incentivo ao pequeno produtor rural desenraizado e esquecido.

A realidade dentro do Assentamento Serra, segundo o Sr. João, presidente da APPAS e morador do local, as questões relevantes para a produção de alimentos se desenvolveu a partir de 2009, com apoio de linhas Crédito Agrícola -financiamento com taxas de juros mais baixas - os moradores, puderam comprar gado de leite, e melhorar a renda familiar com a venda do produto para laticínios da região.

Ainda com relação ao registro dos lotes, o Sr. João nos informou que em meados de 2015, a empresa paranaibense denominada Terra Geo, a responsável pelo Mapa Geográfico que determina a localidade, e os limites de divisa de áreas, pretendia concluir o georreferenciamento dos lotes com mapas delimitando as divisas e áreas de preservação permanente. Desse modo, logo que concluída a parte burocrática, o INCRA, legalizará o título de propriedade dos assentados.

Nesse sentido, a reflexão sobre a questão agrária, as políticas públicas que buscam garantir a permanência do pequeno produtor rural no campo, as conquistas dos movimentos pela terra e as desigualdades históricas da propriedade rural brasileira se confrontam com interesses privados das grandes indústrias. Basta compararem o curto espaço de tempo que foi

determinado para o asfaltamento da MS112 e o atraso burocrático para regularizar todos os lotes do assentamento.

Os dados nos demonstraram que já vem ocorrendo ações políticas no assentamento, no entanto poderia estar melhor, com menos burocracia, desvio de recurso, e obras inacabadas, além de maior união dentro da APPAS, como uma associação efetiva.

Importante também se faz desenvolver projetos de apoio sistemático, contribuir de forma extensiva com projetos que visem envolver a comunidade dentro das questões sociais coletivas, estabelecer vínculos de análises dos problemas econômicos e ações políticas para atender as necessidades locais específicas, cumprir o papel sociológico segundo apregoa Fernandes (1960, p. 273):

A Sociologia não se limita ao estudo das condições de existência social dos seres humanos. Todavia, essa constitui a porção mais fascinante ou importante de seu objeto e aquela que alimentou a própria preocupação de aplicar o ponto de vista científico à observação e à explicação dos fenômenos sociais. Ora, ao se falar do homem como objeto de indagações específicas do pensamento, é impossível fixar, com exatidão, onde tais indagações se iniciam e quais são seus limites. Pode-se no máximo, dizer que essas indagações começam a adquirir consistência científica no mundo moderno, graças à extensão dos princípios e do método da ciência à investigação das condições de existência social dos seres humanos.

O estudo sobre o Assentamento Serra de Paranaíba trouxe novas questões sobre a realidade daquela comunidade, mas é preciso conhecer as dificuldades sociais, e a partir da compreensão das suas necessidades e conflitos, estabelecer reflexões acerca da vida rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da elaboração deste trabalho é possível afirmar que o Cientista Social possui um relevante papel frente a sua realidade, seja ela local ou geral. A pesquisa a partir do Assentamento Serra de Paranaíba e a Agricultura Familiar foi um passo dado em direção a caminhos antes desconhecidos e agora não menos estranhos, todavia menos angustiantes. Durante as etapas iniciais da pesquisa havia já a preocupação em não utilizar apenas conceitos prontos, advindos do senso comum.

Sobre a metodologia qualitativa e quantitativa, escolhi os textos de Goldenberg, no entanto a grande dificuldade estava no afastamento de minhas hipóteses, pois eu relutava em construir uma realidade de que ali no Assentamento Serra vivia uma comunidade de esquecidos pelo Estado; um grupo de famílias, sem o auxílio de qualquer instituição, ou agência do governo, mas como o objetivo foi investigar, busquei respaldo teórico também em autores como Fernandes (1960), Holanda (1995), Martins (1997) e Grynszpan (2003). E assim as minhas convicções hipotéticas foram cedendo espaço para a realidade daquela comunidade.

Encontrei durante as visitas, uma grande maioria dos assentados com pequena produção de leite, o que garante a renda e a diversificação de outros gêneros. Encontrei pequenos comércios, como a pequena “Lanchonete de Lurdes”, salão de beleza, duas igrejas evangélicas com sede própria, cujos pastores residem no local. Tal observação me fez crer que por conhecer a função das igrejas e como elas se mantêm, ali é uma comunidade de grupos fortes, o pastor definiu a reforma e a ampliação de sua casa como “benção de Deus”.

Dentro das descobertas de minha pesquisa, encontrei o processo de regularização das propriedades já em estágio final do georreferenciamento, e por meio das entrevistas percebi que o entrave dentro do processo estava em algumas áreas tomadas por seus vizinhos como sendo parte do mesmo lote. Desse modo as medições e divisas não contemplavam as cercas já existentes, e tal demanda acarretou o atraso do processo, até que todos estivessem de acordo. Após as contendas, desentendimentos e discussões, as demandas foram resolvidas e em breve todos receberão as escrituras definitivas.

O plantio do maracujá e a comercialização como fonte de renda trouxeram a possibilidade de fortalecer a Associação dos Plantadores de Maracujá por meio do apoio do SENAR.

Ainda existem grandes problemas no Assentamento Serra, como as inúmeras questões apontadas, entre elas a distância do município de Paranaíba; no entanto o asfaltamento da

MS112 contribuiu para a melhoria do acesso e de certo modo tudo colabora para que os moradores tenham laços de pertencimento com os municípios mais próximos, buscando pela melhoria de setores como educação, saúde, infraestrutura. Tais segmentos fazem parte da luta constante pela dignidade do local, mas é possível nesse momento traçar outra perspectiva, já que os sonhos dos moradores permanecem.

Em 2014 os problemas eram muitos, e neste final de 2016 ainda não foram totalmente solucionados, por falta de ações efetivas de políticas públicas, mas apesar das inúmeras dificuldades que aquela comunidade rural enfrenta, encontrei, como nas palavras de Martins (1997), os sonhos verdes da esperança, que hoje se traduzem no querer viver ali.

REFERÊNCIAS

ABRA, 2005. Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária, Ano 32, nº1 jan/jul.2005, Editorial, A Reforma agrária no Governo Lula, Balanço:2003 à 2005.

BERGAMASCO, Sônia Maria; NORDER, Luiz Antonio Cabello. **O que são assentamentos rurais**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1996.

BORGES, Luciano Rodrigues. **Parceiros do Assentamento Serra**: marginalização, esquecimento ou discriminação. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal).7 ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2004.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.267, de 28 de agosto de 2001**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10267.htm>. Acesso em: 22 nov. 2016.

CEPAGRO. Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo. **Merenda escolar terá 30% dos produtos direto da agricultura familiar**. 2011. Disponível em: <<http://www.cepagro.org.br/news/25/54/>>. Acesso em 13 jun. 2016.

CONTERATO, S.; COSTA, M. Sociologia no ensino médio: Entrevistas com Márcio da Costa e Santo Conterato. **Revista Habitus**, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Ed.). **O Brasil republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013. Cap.7.

FLORESTAN, Fernandes, **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. São Paulo, SP: Livraria Pioneira, 1960. Cap. 8.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**, 32 ed, São Paulo, Nacional, 2005.

GOLDENBERG, Mirian, **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1999.

GRYNSZPAN, Mario. A questão agrária no Brasil pós-1964-MST. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Ed.). **O Brasil republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

MARCELLE, Thaís de Paula Ferreira; FARIA, Sidinéia Gonçalves da Silva. **Assentamento serra**: a função social da propriedade na visão dos assentados. In: V SCIENCULT - Simpósio Científico-Cultural: Ética e responsabilidade social, Paranaíba. **Anais...**, 2008.

MARTINS, José de Souza, **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo, SP: Paulo, 1997. Cap. 3.

_____. Exposição feita pelo autor em plenário, na sessão de encerramento do X Congresso Mundial de Sociologia Rural, realizado no Rio de Janeiro em 4 de agosto de 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103> Acesso em: 22 nov. 2016.

SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo**. 18. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Malheiros, 2000.

SOUZA JUNIOR, Manoel Teixeira. **Desafios da produção de alimentos e bioenergia no Brasil**. Publicado em 24 de maio de 2013. Disponível em: <<http://www.campograndenews.com.br/artigos/desafios-da-producao-de-alimentos-e-bioenergia-no-brasil>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

VELHO, Gilberto. **Autopiaurbana**: um estudo de antropologia social. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: ZAHAR, 1989.